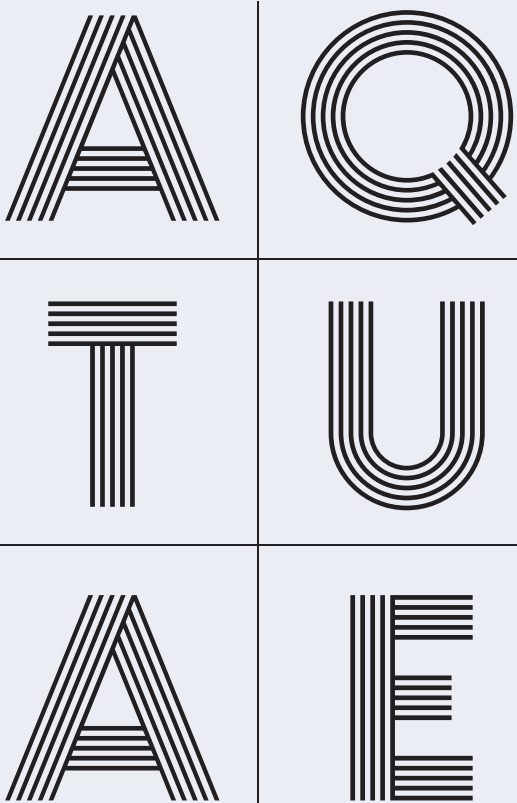




22 MARÇO 2025
Suplemento integrante do Jornal de Notícias.
Não pode ser vendido separadamente.



Dossiê / Estatísticas Treinadores recorrem cada vez mais às tecnologias durante os jogos **P2/3**



Entrevista / Jorge Moreira
“Leixões quer levantar as hipotecas sobre o Estádio do Mar” **P6**

Na Hora / Provas da UEFA Portugal derrapa e só a partir de 2027/28 pode apanhar os Países Baixos **P4/5**



QUENDA SPORTING VAI PAGAR METADE DO SALÁRIO

Extremo mantém-se em Alvalade, na próxima temporada, por empréstimo do Chelsea, mas o clube leonino fica a suportar 50% do vencimento

Geovany Quenda vai ser jogador do Chelsea, a partir da próxima temporada, mas ainda vai cumprir mais um ano em Alvalade, por empréstimo, um cenário que, para além dos 50,7 milhões de euros fixos do negócio, cativou muito a administra-

ção de Frederico Varandas e, simultaneamente, o próprio jogador. O quadro, porém, implica custos para o Sporting, pois, ao que o JN apurou, o vencimento do jogador ficará a ser suportado em partes iguais pelos clubes, ou seja 50%/50%. O

novo contrato de Quenda com o Chelsea implica uma valorização no vencimento quase 10 vezes mais do que atualmente auferia na casa leonina. Ao que o JN apurou, Quenda vai passar a ter um salário na ordem dos 200 mil euros mensais, ao

passo que, na atualidade, fica-se pelos 20 mil. Uma realidade distinta e um aumento bastante considerável, o que significa que o Sporting terá um custo em salários com Quenda à volta de um milhão de euros anuais. ● **ARNALDO MARTINS**

DOSSIÊ

A TECNOLOGIA COMO O BRAÇO DIREITO DOS TREINADORES

Cada vez mais os técnicos são auxiliados por programas e dados estatísticos complexos. Mas os clubes de menor dimensão ainda não têm recursos para igualarem os grandes

Eduardo Pedrosa Costa
eduardo.p.costa@jn.pt

ANÁLISE O futebol está em constante evolução e, como acontece um pouco em todos os campos profissionais, a tecnologia é cada vez mais utilizada. Nos últimos anos os treinadores estão a ser auxiliados por programas e dados estatísticos complexos, de forma a perceber se a equipa que orientam está a executar em pleno as ideias de jogo ou como podem melhorá-las no treino. Recentemente, Martín Anselmi, treinador do F. C. Porto, lançou a discussão com os “expected goals” (golos esperados) contra para justificar uma melhoria defensiva dos dragões e ainda falou do número de passes que permitiu ao adversário para indicar que os azuis e brancos estão a pressionar melhor, dados que resultam de uma análise estatística.

Os clubes de maior dimensão em Portugal têm dados pormenorizados, que permi-

tem analisar praticamente qualquer parâmetro pretendido. Há, sobretudo, dois tipos de estatística: a geral, como remates à baliza ou posse de bola; e os indicadores de performance, algo personalizado por cada treinador ou equipa. Estes podem ser, por exemplo, o número de vezes que um avançado se conseguiu isolar por jogo. “Mediante o nosso modelo de jogo tínhamos 12 a 14 parâmetros para todas as partidas, que permitiam calcular o que era uma boa exibição. O analista de dados produz um relatório estatístico que depois é interpretado pelos analistas de performance e pelo treinador”, explica Rodrigo Carvalho, analista de performance dos Seattle Sounders, da MLS, ao JN.

É na utilização destas estatísticas gerais e dos indicadores de performance que entra a tecnologia. As equipas técnicas têm programas que quantificam os dados pretendidos, sejam eles os mais gerais ou os indicadores de

performance personalizados para cada clube. O espectador mais atento talvez já tenha visto a presença de tablets no banco de suplentes. Bem, estes são um meio para analisar a estatística durante o encontro. “O treinador tem acesso a uma transmissão em direto do jogo de um plano aberto, mas também ao programa que contém os indicadores de performance pré-definidos e pode ir escolhendo qual ver. Além disso, pode visionar excertos de vídeo que o analista na bancada selecionou”, acrescenta Rodrigo Carvalho.

Outro dado cada vez mais comum na linguagem entre adeptos é o dos “expected goals”, ou seja, os golos esperados. Partindo de um algoritmo, que cada empresa pode ajustar e que conta com mais de 10 mil dados de remates, esse dado “permite calcular a probabilidade de um remate dar golo mediante parâmetros como o local de onde é executado e a oposição dos defesas. Se um lan-

Rui Borges a analisar os dados estatísticos do Sporting durante um jogo

FOTO: MÁRIO VASA



Treinadores utilizam os “expected goals” para avaliar o desempenho dos jogadores e das equipas



Fala quem sabe



Rodrigo Carvalho
Analista dos Seattle Sounders

“A estatística ajuda a preparar um jogo e a melhorar aspetos numa equipa ou evoluir um jogador. É preciso, no entanto, enquadrá-la na nossa maneira de jogar e no trabalho feito durante a semana”



Vítor Campelos
Treinador de futebol

“Utilizamos muito a estatística para controlar o desgaste físico dos atletas, através do GPS. Percebemos quais estão em risco de lesão e com esse dados conseguimos dar mais descanso”



Sérgio Vieira
Treinador do AC. Viseu

“Quanto mais dados um treinador tiver à disposição, melhor. Mas o futebol é muito mais que números, acima de tudo será sempre em primeiro lugar o lado humano, as tomadas de decisão dos jogadores”

ce tem, por exemplo, 0.19 de ‘expected goals’, significa que, daquela posição, 19 remates em 100 seriam golo”, explica o analista.

Mas em Portugal, como é que um treinador, num clube com menos recursos, utiliza a estatística? “Recorremos aos dados gerais mas também analisamos de forma individual, ou seja, por exemplo, os jogadores que perdem mais bolas e em que zona do campo isso acontece”, refere Sérgio Vieira, treinador do AC. Viseu, ao JN. “As métricas do GPS são essenciais, como as distâncias percorridas ou as acelerações dos atletas, bem como, por

exemplo, dados de onde o adversário coloca a bola nos cantos”, diz Vítor Campelos, treinador de futebol, ao JN, referindo-se aos coletes interiores que os jogadores usam e que servem para monitorizar dados. Em contexto de treino, Sérgio Vieira esclarece que “os exercícios não são influenciados pela estatística, mas algumas variantes são construídas a partir dessa informação”.

Unânime para ambos é que por muita tecnologia que haja será sempre essencial a interpretação humana. E, claro, com mais recursos pode-se fazer mais e melhor.●

A caixa de ferramentas para quem não tem material próprio

GoalPoint auxilia com dados estatísticos. Há futebolistas que jogam para terem boas notas

FUTEBOL Em Portugal há várias plataformas a trabalhar a análise de dados e uma das principais é a GoalPoint. Quando os clubes não oferecem este tipo de serviços, os treinadores recorrem a terceiros para este terem acesso a trabalho e é aí que entra esta empresa, como uma espécie de consultoria privada. Trabalha, sobretudo, com dois tipos de estatística: os eventos, ou seja, aquilo que os jogadores fazem com a posse da bola ou em função dela; e o “tracking”, algo tecnologicamente mais desenvolvido e que mostra o que os futebolistas se comportam quando não estão na jogada.

“Os clubes estão mais atrasados que os treinadores neste tema. Olham para isto como algo que tem custos e não têm nenhum analista de dados ou um departamento próprio dedicado a este campo”, explica Pedro Ferreira, CEO da GoalPoint, ao JN. Muitos técnicos re-

correm, então, aos serviços desta empresa. “Fazemos relatórios sobre o adversário pré-jogo para os treinadores avaliarem o desempenho da equipa com base nos indicadores de performance [ver texto ao lado]; bolas paradas, entre outros. Conseguem ter este relatório 15 minutos depois do jogo acabar, de forma simples de analisar”, acrescenta.

Popular nas redes sociais, a GoalPoint publica frequentemente notas de desempenho dos jogadores. “Há treinadores preocupados, porque alguns jogadores jogam para os números e não fazem aquilo que lhes é pedido”, afirma Pedro Ferreira. Ter acesso à estatística para depois trabalhá-la, não fica barato. Para alguns clubes, mediante o número de métricas pretendidas, os valores podem ir dos 100 mil aos 500 mil euros. E, para empresas, pode ascender até a um milhão de euros.●

EDUARDO PEDROSA COSTA

BRASIL

ABEL FERREIRA SEMPRE ESTEVE ATENTO À ESTATÍSTICA

Pedro Ferreira, CEO da GoalPoint, contou, ao JN, que a empresa trabalha com Abel Ferreira há muitos anos. “Começou quando ele estava no Braga, prolongou-se no PAOK e agora no Palmeiras. Até que este ano o clube contratou um dos elementos da GoalPoint para trabalhar lá”, revela. Técnicos como Pepa e Paulo Fonseca também recorrem a estes serviços.



Pedro Ferreira é o CEO da GoalPoint, empresa especializada em estatísticas

MÁRIO VASA

NA HORA



Benfica e V. Guimarães foram as últimas equipas lusas a despedirem-se das provas da UEFA, nos oitavos de final da Champions e da Liga Conferência, respetivamente

PORTUGAL PERDE ESPAÇO NO MAPA DA EUROPA

Desde 2020/21 que o país teve sempre representantes nos quartos de final da UEFA, menos esta época. Falta de poderio económico fatal

João Faria
joao.faria@jn.pt

Portugal saiu de cena, nesta época, nas competições europeias de futebol, ficando-se pelos oitavos de final. O Benfica, na Liga dos Campeões, e o Vitória de Guimarães, na Liga Conferência, foram os últimos a cair. Os quartos de final das três provas, a disputar em abril, já não terão representantes lusos, com o país a voltar a ficar distante das grandes decisões.

Desde 2020/21 que Portugal tinha equipas nos quartos de final das provas da UEFA, o que significa uma inversão de registo que pode ter consequências. “Foi um adeus esperado. Um caiu com uma equipa de primeiro plano [Barcelona], o outro com um adversário também forte [Bétis]. Ainda sonhou, mas foi afastado”, realça, ao JN, o treinador Manuel Machado.

Braga e F. C. Porto já haviam caído nos play-off da Liga Europa, enquanto o Sporting foi afastado em

igual fase, na Champions. “Aconteceu o que se estava à espera. Não estamos a ser tão competitivos como seria desejável. É um problema de difícil solução, que devia merecer uma reflexão séria”, vinca, ao JN, o técnico Daniel Ramos.

Na época passada, o Benfica chegou aos quartos da Liga Europa, o derradeiro a tombar. Há 11 anos que Portugal não vai a uma final europeia. Sucedeu pela última vez com a equipa encarnada, batida pelo Sevilha, nos penáltis da Liga

Europa. Mais distante (2010/11) é o mais recente troféu luso, do F. C. Porto, na final lusa de Dublin com o Braga. Portugal soma 18 finais na UEFA, mas as presenças têm sido menos frequentes, com reflexos no ranking e no número de equipas que se conseguem apurar, agora apenas cinco.

Para Manuel Machado, as clivagens “são enormes”. “Portugal não consegue ombrear com os melhores. Noutros setores da sociedade é igual”, vinca, prevendo que, no futuro, a mudar alguma coisa, será para se assistir ao “acentuar de dificuldades”.

Daniel Ramos acha que “até os três grandes sentem muitas dificuldades para ombrear com as principais equipas europeias”. Sem o rendimento positivo dos clubes que mais poderiam contribuir para o reforço da posição lusa será difícil mudar o panorama: “Têm saído elementos valiosos, desde jogadores e treinadores para as mais diversas ligas. O país sai prestigiado, mas a nossa competição fica enfraquecida. Sem estímulos é difícil acompanhar o que se faz lá fora”. ●

Futebol português já não vai a uma final europeia há 11 anos e o último troféu data de 2010/11

A saída de futebolistas, treinadores e diretores desportivos prestigia o país, mas enfraquece Liga



Daniel Ramos
Treinador de futebol

“Portugal fica distante das grandes decisões, devido ao decréscimo de qualidade da Liga. Os melhores saem e é difícil contratar valores equivalentes”

“O figurino a nível competitivo até pode mudar, mas o poderio financeiro continua a ser fulcral. Sem se formar boas equipas é difícil fazer melhor”



Manuel Machado
Treinador de futebol

“Há muito que Portugal não se consegue bater com equipas das ligas principais e agora até para campeonatos de nível médio tem perdido talento”

“A maioria dos jogos da liga portuguesa são desequilibrados. Quando chega a altura de competir a nível europeu, sentimos muitas dificuldades”



Ajax e AZ Alkmaar (Países Baixos) já foram eliminados das provas europeias

Sexto lugar no ranking só a partir de 2027/28

Recuperação em relação aos neerlandeses na presente época e na anterior foi insuficiente

UEFA Só a partir da época 2027/28, Portugal terá boas hipóteses de ultrapassar os Países Baixos no sexto lugar do ranking europeu de clubes e voltar a ter duas equipas com entrada direta na Liga dos Campeões e uma terceira nas pré-eliminatórias, para além de outras três nas restantes provas (Liga Europa e Liga Conferência).

Até lá, esse cenário é muito difícil de alcançar porque o coeficiente de pontos é calculado pelo rendimento das equipas de cada país a cinco anos e só quando a época de 2021/22 deixar de ser contabilizada – os Países Baixos fizeram 19,200 pontos e Portugal apenas 12,916 – haverá margem para subir um lugar.

Para que assim seja, será necessário que nas próximas duas épocas as equipas portuguesas mantenham uma pontuação equilibrada com os neerlandeses, a exemplo do que aconteceu na temporada em curso e

também na anterior (Portugal fez 16,250 pontos em 2024/25 e 11,000 pontos em 2023/24, contra 15,250 e 10,000 dos Países Baixos, respetivamente). Com os seis pontos que recuperará quando a época 2021/22 passar à história, então sim será possível acreditar no ambicionado regresso ao sexto posto do ranking.

1

Top 10 países

	TOTAL
1.º Inglaterra	109,982
2.º Itália	95,293
3.º Espanha	92,239
4.º Alemanha	85,831
5.º França	71,379
6.º Países Baixos	67,150
7.º PORTUGAL	62,266
8.º Bélgica	56,850
9.º Chéquia	44,100
10.º Turquia	43,900

Tal como Portugal, os Países Baixos, que partirão para a próxima época com mais de cinco pontos de avanço sobre a armada lusitana, ficaram sem qualquer equipa em competição nos quartos de final em 2024/25 (Ajax e AZ Alkmaar foram eliminados nos oitavos da Liga Europa), o mesmo se passando com a Bélgica, Chéquia e Turquia, países posicionados imediatamente a seguir no ranking.

Em relação às posições mais baixas da tabela, o nosso país também não corre grande risco de descer nos próximos dois anos ao sétimo posto, ocupado nesta altura pela Bélgica. Nesse sentido, nas próximas duas épocas, Portugal deverá mesmo manter o número de vagas nas competições europeias que já teve em 2024/25, com realce para apenas um apuramento direto na Liga dos Campeões, só garantido pelo campeão nacional. ● JOÃO FARIA

Champions só para grandes e o resto repartido

Clubes dos “big five” dominam prova milionária, mas Ligas Europa e Conferência têm sete “outsiders”

COMPETIÇÃO Nos quartos de final da Liga dos Campeões, que se disputam entre 8 e 16 de abril, só estarão presentes equipas que integram as cinco principais ligas europeias. Inglaterra (Aston Villa e Arsenal), Espanha (Real Madrid e Barcelona) e Alemanha (Borussia Dortmund e Bayern Munique) têm ainda duas equipas cada em prova, enquanto França (PSG) e Itália (Inter Milão) contam com um representante cada.

Na Liga Europa, as equipas dos principais campeonatos voltam a dominar, mas há exceções, através da participação de um representante da Escócia (Rangers) e outro da Noruega (Bodo/Glimt). Na segunda prova europeia de clubes, a Inglaterra volta a ter duas equipas (Tottenham e Manchester United), à frente de Itália (Lazio), Espanha (At. Bilbao), Alemanha (Eintracht Frankfurt) e França (Lyon), com uma cada.

Ainda mais diversificado é o panorama na Liga Confe-

rência, a terceira competição europeia de clubes. O destaque maior vai para a Polónia, que ainda tem dois clubes em prova (Jagiellonia Bialystok e Legia Varsóvia), sem esquecer outsiders Celje (Eslovénia), Djurgarden (Suécia) e Rapid Viena (Áustria). Os principais favoritos à conquista do troféu são o Bétis (Espanha), Chelsea (Inglaterra) e Fiorentina (Itália). ● J.F.

QUARTOS DE FINAL

CHAMPIONS	
PSG (FRA)	- Aston Villa (ING)
Arsenal (ING)	- Real Madrid(ESP)
Barcelona(ESP)	- B.Dortmund (ALE)
Bayern (ALE)	- Inter (ITA)

LIGA EUROPA	
Bodo/Glimt (NOR)	- Lazio (ITA)
Eintracht (ALE)	- Tottenham (ING)
Lyon (FRA)	- M. United (ING)
Rangers (ESC)	- At. Bilbao (ESP)

LIGA CONFERÊNCIA	
Bétis (ESP)	- Jagiellonia (POL)
Celje (ESL)	- Fiorentina (ITA)
Chelsea (ING)	- Legia V. (POL)
Djurgarden (SUE)	- Rapid V. (AUS)



Raphinha (11 golos)
é o melhor marcador da Champions

ENTREVISTA

“Este mandato ficará na história do Leixões”

por Arnaldo Martins
arnaldo.martins@jn.pt

Realiza-se hoje, entre as 13 e 19 horas, no Estádio do Mar, a assembleia eleitoral do Leixões Sport Club para o próximo quadriénio (2025/2029). Jorge Moreira, atual presidente, é o único candidato. Ao JN, o professor, de 49 anos, antigo líder da claqué Máfia Vermelha, revela as linhas mestras para o futuro do emblema do Mar.

É o candidato único às eleições. Qual é a motivação para mais quatro anos?

Não diria motivação, mas sim um estímulo e compromisso de honrar o ADN leixonense, alicerçado nos valores cultivados desde 28 de novembro de 1907. Findo mais um mandato, ficámos com a sensação que o tempo voou e que havia espaço para fazer mais e melhor.

Quais são as prioridades?

A curto prazo, recuperar a utilidade pública e levantar as hipotecas sobre o Estádio do Mar, criando condições ímpares para a requalificação e rentabilização do estádio e áreas contíguas. Aumentar a captação de sócios e as receitas de quotização, permitindo um maior investimento nas modalidades. Continuar a ser transparentes com os nossos associados e reforçar o vínculo, através da dinamização de várias iniciativas, tais como, o dia do Leixões, a criação de podcast e um jornal digital.

O voleibol tem estado em destaque: há alguma possibilidade de sonhar com o título? O futsal pode cimentar-se nas principais divisões? Futebol feminino?

O voleibol é uma modalidade impactante no clube e na cidade. Temos de ser realistas e constatar que o paradigma do voleibol mudou com a entrada dos ditos grandes, ditando orçamentos dantescos, os quais são incompatíveis com a nossa realidade. Não obstante o ADN e mentalidade vencedora, necessitamos de mais apoio do tecido empresarial para montar equipas equilibradas e competitivas. Esta máxima aplica-se ao futsal, que tem vindo gradualmente a crescer e a afirmar-se no panorama regional. Esta época, temos o privilégio de ter uma excelente equipa, a qual tem contra-

Jorge Moreira Atual presidente é candidato único às eleições



riado e desafiado o destino, encontrando-se em condições de subir à 2.ª nacional. No futebol feminino, vamos criar equipas de formação.

Futebol de formação. O que está previsto desde a academia até aos sub-19?

O Leixões tem pergaminhos no futebol de formação e uma alcunha “Bebés do Mar” que temos obrigação de honrar e perpetuar. Nos últimos anos, investimos no processo de certificação, o qual aportou melhorias em vários de-

“O Leixões tem pergaminhos no futebol de formação e uma alcunha “Bebés do Mar” que temos obrigação de honrar e perpetuar”

“Óscar Marques? Campo sintético nr.º 2 será uma realidade na próxima época”

partamentos técnicos, aumentámos o número de atletas e lográmos orgulhosamente liderar o ranking de atletas federados. Em termos desportivos, excetuando os sub-17, temos apresentado resultados aquém do expectável, especialmente nos sub-19. As principais razões derivam da pouca profundidade dos plantéis e dificuldade em reter o talento. Estes constrangimentos podiam ser colmatados com a atribuição plena da verba da UEFA para o desenvolvimento do futebol de formação.

No futuro, é possível ver jogadores “Made in Leixões” a representarem a equipa profissional, sendo esta gestão da SAD?

Temos estado a repensar o projeto formativo e desportivo, pelo que vamos redefinir o organograma, com particular incidência no investimento do departamento de scouting, particularmente na base. Temos vindo a perder identidade e mentalidade competitiva e, por isso, vamos reforçar junto da estrutura o nosso ADN e valores, os quais deverão estar presentes em todas as equipas da formação. O objetivo sempre foi claro, produzir talentos com ADN Leixões para a equipa profissional, porém defendendo que os atletas precisam de sentir que alguém os está a monitorizar, pelo que, a chamada regular à equipa sub-23 e equipa B deverá ser uma realidade.

Como está a parceria com a SAD e o cumprimento do protocolo?

É uma relação de dependência, paciência e sensibilidade. Esta relação está assente num protocolo, o qual está em incumprimento e a impactar negativamente o clube. Sabemos que o futebol é a mola, o grande catalisador, e que a SAD envidou esforços para construir uma equipa forte e competitiva, porém necessitamos da colaboração da SAD. Acredito que o André Castro vai honrar a palavra e apresentar um plano de pagamentos transparente.

Haverá mais um piso sintético e uma cobertura no complexo Óscar Marques?

Em termos de infraestruturas, este mandato ficará na história. Relativamente ao Estádio do Mar, estamos a ultimar a apresentação do projeto de operacionalização da bancada norte, cumprindo com os formalismos e requisitos da Liga Portugal. No que toca ao Complexo Óscar Marques, a autarquia abriu concurso público para a execução do campo sintético nr.º 2, que será uma realidade na próxima época e no que concerne à colocação de cobertura na bancada do campo nr.º 1, acreditando na palavra do vereador do Desporto, Nuno Matos, a mesma está a ser equacionada para 2026. Destaco ainda a reabilitação da sede social do clube, o pavilhão Siza Vieira, que está a ser orientado por um grupo de notáveis matosinhenses, onde se inclui o arquiteto Siza Vieira, que se prontificou a elaborar o projeto de reabilitação. ●

DESPORTO JUVENIL



CARLOS CARNEIRO

Família do VCB começa a crescer e, neste momento, já movimenta duas centenas de jovens. O sonho passa por ter um pavilhão

VÓLEI CLUBE DE BRAGA PREENCHE UM VAZIO NA CIDADE

Recém-criado, emblema minhoto reintroduziu a vertente masculina, mas também acolhe meninas

Guilherme Soares
desporto@jn.pt

VOLEIBOL O Vólei Clube de Braga (VCB) tem apenas dois anos, cumpridos recentemente, mas já precisa de quatro pavilhões para acomodar todos os atletas, que vão dos seis aos 70 anos, explica, ao JN, Marco Libertini, presidente e também treinador do clube. O brasileiro, radicado em Braga há oito anos, fundou o VCB em março de 2023 com Borja Serafim, antigo jogador e atual treinador dos sub-21.

Sob o mote “voleibol para todos”, o Vólei Clube de Braga é o único clube com a vertente masculina na cidade minhota, preenchendo um vazio deixado pelo fim da Grundig, que militou vários anos na 1.ª Divisão, na década de 1980, e, mais recentemente pelo da equipa da Universidade do Minho (na qual Borja Serafim ainda jogou), pouco antes do fim da primei-

ra década deste século. “Eu e o Borja fomos abordados por uns alunos de uma escola para lhes dar umas aulas [de voleibol]. Disse-lhes para juntarem 15 amigos e até pensei que nem iam aparecer, mas apareceram. Um deles, o Afonso, foi para o Benfica recentemente. A coisa foi evoluindo e daí à criação do clube foi um passo até porque fazia impressão uma cidade como Braga não ter voleibol masculino. Isso deu força para avançarmos”, conta Libertini, de 52 anos.

Atualmente, o VCB tem cerca de 200 atletas de sete equipas de formação e três de veteranos, praticamente repartidos igualmente entre masculinos e femininos.

MUITOS ESTUDANTES O treinador admite que a modalidade é mais popular no seu país natal, mas adianta que, embora conte com vários jovens brasileiros, a maioria é portuguesa,

com muitos estudantes da Universidade do Minho. Para Marco Libertini, o voleibol “é uma modalidade muito difícil de aprender, é exigente”, pelo que, “nos primeiros anos, a aprendizagem é sobretudo lúdica”. Destaca o envolvimento dos pais, que assistem aos treinos e acompanham os filhos nos jogos, formando um “espírito de família”. O sonho é ter o tal pavilhão próprio “para não andar com a casa às costas”, até porque são mais de 30 treinos semanais, com os jogos oficiais a terem lugar em Merelim São Paio. Os seniores masculinos foram campeões da 3.ª divisão logo no ano de estreia, competindo agora no segundo escalão. ●

BILHETE DE IDENTIDADE

Nome: Vólei Clube de Braga
Fundação: 03/03/2023
Atletas na formação: 200



Os atletas



Vicente Fernandes
14 anos

“Já tinha procurado, mas não havia voleibol masculino em Braga. Depois, o meu pai ouviu falar no VCB, experimentei e gostei. Tem sido muito bom”



Beatriz Saad
12 anos

“Já jogava noutro clube, mas escolhi vir para cá, estou desde o início. Somos uma equipa muito unida e divirto-me muito. Adoro treinar”



Caio Pereira
12 anos

“Soube por uns amigos. Treinamos duas vezes por semana e, às vezes, há torneio ao domingo. Estou em Portugal há cinco anos”

INTERNACIONAL

MIRANDÉS DESAFIA A LÓGICA SEM DINHEIRO NEM JOGADORES

Clube com o orçamento mais baixo da 2.^a Divisão cancelou jogo na pré-temporada, mas luta por subida inédita à La Liga



CLUB DEPORTIVO MIRANDÉS

Há anos que o clube de Miranda de Ebro segue uma política de empréstimos para construir os plantéis

Vasco Samouco
desporto@jn.pt

ESPANHA A estreia do Club Deportivo Mirandés na 2.^a Divisão esteve num impasse durante bastante tempo até, finalmente, tudo ficar resolvido e o clube cumprir todos os pressupostos burocráticos para competir. Já aí, estávamos em 2011, as exigências da legislação local implicavam a obrigatoriedade de criar uma SAD e, depois de um empresário dar o dito por não dito, acabando por admitir que, afinal, não tinha o dinheiro necessário para investir, foram os jogadores e os dirigentes da altura a juntar os 1,3 milhões de euros para viabilizar a proeza. O curioso é que, se daqui a umas

semanas, o Mirandés assegurar a subida inédita à La Liga também se recordará como isso esteve para não acontecer por razões comuns.

Hoje, o clube de Miranda de Ebro defronta o Racing Santander e em caso de vitória assumirá a liderança da classificação, à falta de 10 jornadas. Nunca o Mirandés esteve tão alto na hierarquia do futebol espanhol e isso em circunstâncias normais já seria bastante assinalável, tendo em conta que, por exemplo, falámos do emblema com o orçamento mais limitado da categoria e que tem a política de construir plantéis à base de empréstimos, algo que, necessariamente, obriga a mudanças consideráveis na

equipa de época para época. A atual temporada não é exceção e às ordens do italiano Alessio Lisci estão 13 jogadores cedidos: chegaram a ser 15, mas dois saíram.

O que 2024/25 tem de diferente é que duas semanas antes do início oficial da época, e por causa dos imensos constrangimentos financeiros, o Mirandés tinha um plantel tão curto que foi obrigado a cancelar um particular previamente agendado. O Maiorca, da La Liga, foi o clube que ficou pendurado e com o primeiro jogo oficial à espreita não admira que as expectativas fossem as mais baixas possíveis. Os “rojillos” não deviam aspirar a mais do que a permanência e conseguiu-a seria um êxito. Pois, o que se

seguir foi que, ao fim de 10 jornadas, o Mirandés protagonizara o melhor início de época da sua história e desde aí continuou a superar as expectativas numa das edições mais competitivas da 2.^a Divisão (os sete primeiros estão separados por seis pontos) e que conta com históricos da craveira de Racing Santander, Oviedo, Granada, Saragoça, Deportivo da Corunha, Málaga, Sporting Gijón, Levante ou Eibar. Quase todos já estão demasiado atrás tendo em vista a promoção. De resto, nenhuma das 22 equipas ganhou mais jogos do que o Mirandés (16) e tem menos golos sofridos (25). Os 37 mil habitantes da pequena Miranda de Ebro têm razões para sonhar alto. ●



OPINIÃO

ARNALDO MARTINS
Editor-adjunto

As falsas estrelas e a batata quente



A derrota e, pior do que isso, a exibição de Portugal em Copenhaga, com a Dinamarca, é um abre-olhos para Roberto Martínez e todos aqueles que idolatram a seleção nacional. Antes do encontro, senti os adeptos e comentadores, com alguma displicência, a demonstrarem o típico excesso de euforia, que, quando corre mal, depressa se torna em depressão. A verdade é que o jogo trouxe a nu as atuais dificuldades da equipa das quinas. Neste momento, Portugal não é assim tão bom como se quer fazer crer. Tem, efetivamente, um elenco de qualidade, com várias opções, mas está muito longe de ser uma equipa. E é aí que entra o papel de Roberto Martínez e restante equipa técnica, que, feito o balanço dos últimos dois anos, não entusiasma. Rúben Dias tocou na ferida, lembrando que é neste tipo de jogos que Portugal tem de ser grande, jogar como tal e ter a atitude certa, de um conjunto de campeões. O que vejo, neste momento, é uma formação de marketing, carregada de supostas estrelas, coisa que, no futebol mas também na vida, me irrita bastante. As estrelas estão no céu e mesmo assim estão em grupo. Só num coletivo forte é que todos podem dar mais um pouco de si e atingir a superação. Sem isso, o tal compromisso inegociável, tudo fica mais fácil para o adversário e que se viu da Dinamarca, desde o primeiro minuto, foi uma seleção que quis mais, que correu mais, que lutou pelos adeptos e merecia ganhar por mais. O magro 1-0 foi a melhor notícia para Martínez, que tem amanhã uma segunda vida para tentar disfarçar o estado de coisas e garantir o apuramento para as meias-finais da Liga das Nações.

Roberto Martínez parece ser muito simpático, esforça-se em falar em português, mas, neste momento, entrou numa espiral de equívocos e não convence. Se Portugal ficar pelos quartos de final, Pedro Proença, o recém eleito presidente da Federação Portuguesa de Futebol, terá a primeira batata quente na mão.